

## **Migração Síria: a cobertura das revistas semanais da crise de setembro de 2015<sup>1</sup>**

Ana Beatriz FELICIO<sup>2</sup>

Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar a cobertura apresentada por quatro das principais revistas semanais de informação do Brasil – a saber IstoÉ, Veja, Época e Carta Capital – no tocante ao tema da crise migratória síria no mês de setembro de 2015. Um episódio em especial foi alvo de grande repercussão e, por isso, foi escolhido como recorte para o corpus de pesquisa. A produção dessas revistas foi analisada a partir da forma de tratamento e apresentação das reportagens, assim observou-se a angulação dos textos, a diagramação e as imagens fotográficas utilizadas. Como base teórica, utiliza-se a noção debordiana de Sociedade do Espetáculo.

**Palavras-chave:** Espetáculo; Revistas semanais; Jornalismo; Síria; Debord.

### **1. Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura da crise migratória síria apresentada por quatro das principais revistas semanais de informação brasileiras; Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital. O período de análise compreende o mês de setembro de 2015, com destaque para um episódio em especial cuja repercussão foi diferenciada e recebeu atenção não apenas dos veículos aqui analisados, mas da imprensa internacional de forma geral. Trata-se da morte do garoto sírio Aylan Kurdi.

Nos últimos anos, o mundo vem acompanhando o crescimento do processo migratório de refugiados que tentam entrar na Europa. A guerra civil síria é um dos principais eventos motivadores dessa onda migratória, já considerada pelas autoridades uma crise.

Em setembro de 2015, a foto do corpo de Aylan Kurdi, que morreu de bruços na praia da ilha de Bodrum, na Turquia, reverberou no mundo todo e foi destaque em vários veículos de comunicação naquela semana. O menino tentava atravessar o mediterrâneo com a família, fugindo do Estado Islâmico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco, email: [beatrizfelicio@gmail.com](mailto:beatrizfelicio@gmail.com)

Na semana da morte de Aylan, as revistas escolhidas nesta análise trouxeram com algum destaque o tema da crise migratória. Assim, as edições escolhidas para o corpus deste trabalho são aquelas da semana do episódio em questão. O objetivo traçado é o de avaliar a forma como as revistas trataram o assunto nos limites daquilo que pode ser considerado uma postura espetacularizada, o que aparece principalmente na forma como as imagens fotográficas são apresentadas. Para isso, usa-se como base a teoria da Sociedade do Espetáculo criada por Guy Debord. Além das fotografias, observa-se a angulação das matérias, a diagramação e o aprofundamento, ou capacidade de contextualização, apresentados pelas reportagens.

As linhas editoriais de cada veículo, bem como sua tiragem e história também foram levadas em consideração para a análise. Os veículos escolhidos são as revistas semanais de informação com maior repercussão no mercado editorial brasileiro.

A IstoÉ foi criada em 1976 por Mino Carta. Os editores definem que a revista exerce um jornalismo crítico, plural e independente. Atualmente, a IstoÉ é publicada pela Editora Três, que pertence ao empresário Domingo Alzugaray e aborda informações gerais sobre vários assuntos de interesse público. Na edição utilizada para análise, a de número 2388, do dia 4 de setembro de 2015, a revista traz o assunto da imigração Síria como matéria principal.

Maior revista de circulação nacional, a Veja foi criada em 1968 pelos jornalistas Mino Carta e Roberto Civita e aborda temas diversos como economia, política e cultura. É publicada pela Editora Abril, possui uma linha editorial conservadora. Para o estudo, foi analisada a edição 2442 de 9 de setembro de 2015.

A Época é uma revista semanal brasileira criada em 25 de maio de 1998. Atualmente é publicada pela Editora Globo. Seu estilo é baseado na revista alemã Focus, que visa um padrão de imagens e gráficos para apresentar a reportagem. A Época aborda, como as citadas anteriormente, diversos assuntos. A capa da revista escolhida para análise, que foi a da Edição 900, de 7 de Setembro de 2015, não remete à notícia da imigração, porém contém uma matéria sobre o assunto escrita pela jornalista Flávia Tavares.

Já a Carta Capital, possui periodicidade semanal e também foi criada pelo jornalista Mino Carta, em 1994. A ideia de Carta foi criar na revista uma alternativa às similares no mercado. Possui menos propaganda quando comparada às citadas anteriormente e tem um alcance menor de público e equipe. Mas, possui colunistas respeitados na área jornalística. Na edição analisada, a de número 866, o assunto não foi capa da revista. A reportagem foi escrita pelo jornalista Cláudio Bernaducci.

## 2. Fundamentação Teórica: A Sociedade do Espetáculo

A Teoria da Sociedade do Espetáculo foi elaborada por Guy Debord ao analisar o ápice do capitalismo. Sua teoria foi apresentada em um livro com o mesmo nome, *La société du spectacle*, publicado em 1967 tratando-se de uma crítica teórica sobre consumo, sociedade e capitalismo.

O livro é escrito por meio de aforismos, criando um diálogo entre autor e leitor, na tentativa de tornar o leitor alguém ativo no processo de leitura (Coelho, 2012:5). Debord é grandemente influenciado por Karl Marx podendo seu livro ser considerado como o resultado de uma série de debates e leituras acerca dos conceitos desenvolvidos por Marx.

Sua mensagem principal é que a chamada Sociedade do Espetáculo é somente um momento específico da sociedade capitalista, o auge que ela atinge, quando o fetiche da mercadoria se transforma no fetiche da imagem (Coelho, 2006:14).

Deve-se entender que fetiche, segundo o dicionário Larousse Cultural, é uma palavra de origem francesa que remonta a um “objeto natural ou artificial, ao qual são atribuídas propriedades mágicas ou o qual se venera como sobrenatural”.

Segundo o próprio Marx, o fetiche da mercadoria se estabelece quando ocorre uma desconexão entre o valor de uso (utilidade do bem) e o valor social do trabalho (tempo de trabalho empenhado para produzi-lo) em relação ao valor de troca das mercadorias (Marx, 1996).

Para Debord, o fetiche da imagem se caracteriza pela pouca importância dada tanto ao valor de uso como ao valor social de trabalho ou o valor da própria mercadoria em si. Nessa nova forma de fetiche, o que importa é a aparência final do produto, o valor de troca é definido somente pela imagem.

[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é, social, como simples aparência. [...] Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; como uma negação da vida que se tornou visível. [...] O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência (Debord, 2012:28).

## 3. Análise das produções jornalísticas

A revista IstoÉ, traz o assunto da migração Síria logo na capa. A imagem é uma ilustração da foto de Aylan Kurdi – menino que morreu afogado na tentativa de travessia do Mar Mediterrâneo para chegar à Europa, em setembro de 2015 – que busca realizar um resgate

da infância inserindo balões, simulando que o pequeno os tivesse segurando, porém na cor preta, refletindo a morte da inocência ou talvez a falta de esperança.

A reportagem coloca seu leitor no lugar, ou seja, na perspectiva daqueles que sofrem com esta crise que assola famílias do Oriente Médio e da África. Destaca a importância em enxergar esta realidade que ocorre há anos e têm sido ignorada por governantes, que se negam a receber essas pessoas que procuram apenas uma oportunidade de viver em paz, ou ao menos com esperança de algo melhor.

A reportagem de Mariana Barboza, trabalha o tema de forma humanitária, com o intuito de fazer com que o leitor coloque-se no lugar daquelas pessoas, levando o emocional à tona e por hora à frente dos acontecimentos.

Destaca os ataques americanos contra o Iraque com apoio de países europeus, mas não repercute os resultados desse conflito nem trata com mais profundidade o contexto das questões ideológicas e religiosas que marcam o cenário contemporâneo do país de origem desses imigrantes. A matéria termina com um questionamento: quando isso vai acabar?

A revista VEJA, também aborda a questão da crise migratória na capa. No layout, são utilizadas letras em caixa alta que dão a impressão de gritar com o leitor. A foto de Aylan está centralizada na capa, acompanhada de frases que remetem ao bem e ao mal.

Logo na primeira página da matéria, o leitor se depara com a mesma foto, vista de outro ângulo, ocupando todo espaço o que imprime uma sensação de choque, dor, comoção e além de tudo, revolta.

A diagramação da revista, as tonalidades de cores e a forma de representação das imagens remete a um sentimento fúnebre o que gera certa comoção. Duda Teixeira, o redator da matéria, utiliza a metáfora “o mausoléu da paz” no título da reportagem.

Teixeira faz um resgate histórico ao lembrar que o escritor Heródoto viveu na praia onde o jovem Aylan foi encontrado morto. A matéria relata alguns fatores que ocasionaram a imigração em massa, utilizando a família de Aylan como protagonista. Explica a dominação atual da Síria pelo Estado Islâmico, o que desencadeou a guerra civil.

Mostra os motivos que levaram a Europa a ignorar de certa forma as vidas que suplicam por abrigo. Segundo o repórter, as diferenças culturais são responsáveis pelo posicionamento contrário da população local à chegada de imigrantes. Teixeira sugere ainda que uma solução para o problema seria combater os contrabandistas responsáveis por transportar essas pessoas até a Europa.

As fotos e os infográficos ocupam mais da metade do espaço da reportagem na edição.

Já na *Época*, a matéria não é capa da revista e aparece na editoria “Ideias, paradoxos e contradições”. O título da reportagem é “o horror em um retrato”, remetendo à foto de Aylan, que representa o drama de todos os imigrantes. Segundo Tavares, a foto de uma criança morta foi a forma de fazer com que o mundo tivesse um olhar mais humanizado para o que tem acontecido.

A jornalista utiliza a foto do policial para desenrolar sua reportagem, com detalhes da forma como o pequeno foi encontrado já sem vida na costa da Turquia. Afirmando que a imagem de Aylan teve como objetivo comover, e fazer com que o mundo olhasse e se sensibilizasse em prol de tomar uma atitude para o quadro triste que eles estão vivendo.

Utiliza questionamentos para chamar o leitor para o debate: “por que a humanidade precisa de uma fotografia como a do Aylan para se lembrar justamente de sua humanidade?”. Depois disso, o texto de Tavares segue por uma linha mais emotiva, relatando que inúmeros corpos são encontrados na orla da mesma praia onde foi tirada a foto do menino.

Além disso, aborda a questão da indiferença de alguns países europeus acerca do assunto, expondo que esse posicionamento ocasionou mortes.

A fotografia tem um importante papel de comoção na reportagem. Imagens de imigrantes em situação de desespero, como o homem agarrado aos seus filhos no barco e pessoas se arrastando no chão para ultrapassar uma cerca de arame farpado, são elementos que chocam.

Tavares faz um breve comparativo a outras fotos históricas. Como a da garota Kim Phuc correndo no Napalm durante a guerra do Vietnã.

O forte apelo à emoção parece se fazer presente nas três revistas até aqui analisadas. O investimento nas imagens e nas cores da diagramação parecem construir uma atmosfera emotiva. A angulação das reportagens também contribui para o apelo sentimental e a pauta que já possui um aspecto humanitário acaba sendo tratada quase que exclusivamente por uma conotação de barbárie. Nesse sentido, um certo distanciamento começa a ser construído entre o leitor e a realidade apresentada nas matérias o que ganha ênfase pela falta de contextualização sobre o que está em andamento do outro lado do Oceano. Assim, a abordagem presente nas reportagens parece indicar que o mais importante é chamar a atenção do público que compra as revistas, numa perspectiva de mercadoria mesmo.

Na *Veja*, o jovem Aylan aparece logo na capa acompanhado de letras garrafais, a mesma coisa se repete no início da matéria especial da *Época*, e na *IstoÉ* a capa com a ilustração

não foge do objetivo de exibir a foto visando definir a situação da migração Síria em uma única imagem e chocar o leitor. Debord, em “A Sociedade do Espetáculo”, explica que

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis, embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência (Debord, 2012:28).

Nenhuma das reportagens apresentadas por estas revistas compreende os desdobramentos históricos que levaram à Síria a tamanha crise. Não há contextualização, nem aprofundamento nas questões de fundo, mas abundam imagens impactantes.

Na *Época*, por exemplo, a jornalista Flávia Tavares inicia a reportagem com uma longa descrição “*Aylan está de bruços. Parece repousar entregue à gravidade, à exaustão. A beirada das águas do Mar Egeu banha seus corpo miúdo. Inanimado. Morto. [...] é contemplado por um homem. De calça marrom, pesados coturno pretos, um colete oficial e uma boina verde-exército*”. Ou seja, os caracteres são gastos para reforçar e fixar no imaginário do leitor ainda mais a imagem já tão evidenciada do menino morto.

A *Veja* e a *IstoÉ* trazem uma reportagem enorme, que possui muitas fotos e pouco texto. Dando uma importância exacerbada ao mais falho dos sentidos humanos: a visão, segundo Debord.

Essa postura omissa adotada pelas revistas faz lembrar aquilo que Domenico Losurdo comenta em entrevista à *Carta Maior*

A classe dominante conquistou não só o monopólio da riqueza e das ideias, mas também o das emoções. Nesse aspecto, a sociedade do espetáculo é ao mesmo tempo a sociedade da guerra em que se manipula a opinião pública. A situação do Oriente Médio deve ser entendida neste sentido.

Para Debord, “A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular, a despeito das barreiras protecionistas ideológico-policiais de qualquer espetáculo local com pretensões autárquicas” (Debord, 2012:39).

Observa-se que, nas três reportagens, não há uma preocupação em verificar quais países contribuíram e até incentivaram o agravamento da crise na Síria e quais os benefícios que os problemas políticos da região trazem para essas potências.

O fotógrafo Sebastião Salgado expõe acerca da crise migratória na região que

[...] Como essas pessoas estão chegando à Europa, parece que a história é nova, mas não é nova, não. É velha, é a história da globalização, da reorganização da família humana, da concentração em centros urbanos,

das geopolíticas. Quando eu conheci o Iraque, era um país rico, onde as pessoas trabalhavam, tinham aposentadoria, residências e viviam em paz. Um país [Estados Unidos] imaginou que lá havia armas de destruição em massa, atacou o lugar e o trouxe para a idade da pedra. No Iraque hoje ninguém tem casa, bomba explode todos os dias, é um país fisicamente destruído. Para onde você quer que esse povo vá? (Portal Forum, 2015).

O caráter espetacular das reportagens das revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*, é evidenciado também pela escolha da pauta apenas no ápice da crise da Síria que já vinha se formando há anos. Assim como, as revistas não deram continuidade à cobertura nas edições seguintes.

Esse posicionamento dos veículos leva ao que Debord chama em “Comentários sobre a sociedade do espetáculo” de desinformação. “Em suma, a desinformação seria o mau uso da verdade” (Debord, 2012: 202).

As informações são passadas para o público, porém sem contextualização. “Ao contrário da pura mentira, a desinformação – e é nisto que o conceito é interessante para a sociedade dominante – deve fatalmente conter uma certa parte de verdade, mas deliberadamente manipulada por um hábil inimigo” (Debord, 2012: 202).

As consequências para a sociedade são o distanciamento da realidade e a perda de sentido. O apoio dessas abordagens nas imagens faz pensar que o jovem Aylan se transformará em mais uma fotografia distante como a do estudante em frente aos tanques na Praça da Paz Celestial. Todos viram as imagens, mas o fato não alterou o destino dos protagonistas ou explicou suas razões.

Para finalizar, deixou-se a edição da *Carta Capital* em separado por observar-se algumas distinções em relação às três anteriores. Na edição analisada para o trabalho, o assunto da migração Síria não é capa e encontra-se numa matéria chamada “A maior tragédia” escrita por Claudio Bernabucci, na editoria “Nosso Mundo”.

Preocupado em resgatar o contexto histórico para um entendimento mais amplo do assunto, Bernaducci explica os trâmites geopolíticos que levaram a tal situação.

Evidencia as rotas utilizadas pelos imigrantes para chegar não somente à Itália, mas também à Grécia, que tem recebido um número alto devido a pouca distância da costa turca. O posicionamento de Angela Merkel também é levado em consideração. A Alemanha abriu as fronteiras do país para essas pessoas e está pressionando outros países a fazerem o mesmo. Segundo o jornalista, o ato não é apenas solidário, e sim envolve âmbitos de interesse político, econômico, territoriais e ideológicos.



A matéria também aborda as precárias condições sob as quais os imigrantes se submetem para chegar até a Europa. É a única, dentre as revistas analisadas, que cita os traficantes de pessoas e outras formas cruéis de morte que aconteceram antes de Aylan.

O jornalista defende que as fotos repercutidas na mídia a respeito da questão foram importantes para fazer com que o mundo prestasse atenção no assunto.

E conclui que os verdadeiros inimigos dos imigrantes são os movimentos xenófobos e racistas de direita e ultra direita, que fazem com que diversos países europeus ainda sustentem com convicção a não-aceitação dos migrantes. A polícia da República Tcheca, por exemplo, para cadastrar os refugiados, marca os números dos vagões em seus braços com canetas “permanentes”, o que remete ao holocausto.

Observa-se que a revista aborda o assunto de forma diferente das demais já citadas acima. A revista Carta Capital não investe, como as demais, nas imagens e prioriza o texto. Não aparecem gráficos ou mapas, com isso entende-se que as imagens não foram a prioridade para a apresentação da mensagem e, nos poucos espaços em que são usadas, são apenas complemento ao texto. A redação da reportagem busca, nos limites do espaço disponível, apresentar o contexto da história no que diz respeito às questões políticas e econômicas, sem perder de vista o lado humanitário. Com isso, observa-se neste caso um certo distanciamento da espetacularização, provocada pelo excesso de imagens e pelo apelo emocional. “O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele” (Debord, 2012:28).

A revista evita “sensibilizar” o leitor pela exposição isolada das imagens, mas investe nas informações contextualizadas historicamente. O texto é conciso e é pautado por um direcionamento descritivo dos “primórdios” da história, o que permite ao leitor compreender o acontecimento, não como algo inédito e novo, e sim como algo que vem sendo alimentado e que foi ocasionado devido a outros fatores que envolvem política, poder, ideologia e religião mundial.

#### **4. Considerações finais**

Foram observados indícios de espetacularização, no sentido que Guy Debord apresenta na teoria da Sociedade do Espetáculo, em três das quatro revistas analisadas. Veja, Época e IstoÉ utilizam imagens, diagramação do texto e demais conteúdos com o objetivo de



sensibilizar o leitor e impacta-lo. Não há contextualização do fato e este acaba apresentado quase que de forma isolada dos aspectos geopolíticos da crise migratória.

Já na Carta Capital, observou-se um certo distanciamento dessa postura, uma vez que a matéria não utiliza muitas imagens e tenta destacar o contexto do assunto, evitando o lado emotivo da pauta, sem perder a perspectiva humanitária do assunto em questão.

A obra de Guy Debord mostrou-se aplicável ao tema, uma vez que foi necessário o mundo testemunhar a imagem do corpo sem vida de um bebê, para que o assunto repercutisse. O menino morto que ficou estampado nas revistas, não foi o primeiro e nem o último, sendo que muitas outras pessoas estão sendo encontradas nas mesmas condições nessa travessia. Mas, como é padrão do espetáculo, passado o impacto imediato provocado pela imagem, o tema volta a ser esquecido. A comoção gerada pelas reportagens é passageira e seu impacto superficial.

Seria importante abordar a questão da crise migratória a partir das diversas origens dessas pessoas que tentam entrar na Europa, alguns são refugiados e outros são imigrantes. Em sua maioria, estão fugindo de diversos países africanos que sofrem as consequências da falida Primavera Árabe, e em menor medida, são provenientes da região central africana.

Para melhor compreensão, é necessário mencionar que o Iraque, antes da segunda invasão estadunidense em 2003, era um país secular com um dos melhores sistemas de saúde e educação da região. A Líbia em 2011, antes da intervenção da OTAN – juntamente com o de apoio da “oposição armada”, muitos deles treinados e armados, tinham uma das maiores rendas per capita do mundo islâmico. Egito, Marrocos e outros protagonistas da Primavera Árabe perderam substanciais receitas turísticas — principalmente de origem europeia — e, conseqüentemente, postos de trabalho.

A região afundou-se em uma terrível crise econômica e sua população está sofrendo as consequências, sendo uma das mais nefastas a fome. Levando em consideração, mesmo que resumidamente, os aspectos que ajudam a compreender o cenário da tragédia de Aylan, a mídia não parece vir tratando o assunto de forma a dar ao público subsídios para sua compreensão. Na análise aqui realizada, fica evidenciada uma postura propensa à espetacularização e, portanto, ao esvaziamento de sentido.

## Referências

ANSELM, Jappe. **A arte de desmascarar**. Disponível em: <http://guy-debord.blogspot.com.br/2009/06/arte-de-desmascarar.html>, acesso em 07 Nov. 2015.

BAHIA, José Aloise. **A Sociedade do Espetáculo.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/speculum/a-sociedade-do-espetaculo/>, acesso em 29 Out. 2015.

COELHO, Claudio Novaes Pinto. **Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo: o conceito de poder espetacular.** Artigo publicado nos Anais do 2º Seminário Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo. São Paulo: 2012, p.13-30.

\_\_\_\_\_. “Em torno do conceito de Sociedade do Espetáculo”. In COELHO, Claudio Novaes Pinto (Org). **Comunicação e sociedade do espetáculo.** São Paulo: Paulus, 2006.

CONNOLLY, Kevin. **Primavera Árabe: Dez consequências que ninguém conseguiu prever.** Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213\\_primavera\\_arabe\\_10consequencias\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213_primavera_arabe_10consequencias_dg), acesso em 05 Nov. 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

EDITORA TRÊS. **Revista Istoé.** Disponível em: <http://editora3.com.br/istoe.php>, acesso em 09 Nov. 2015.

JUSTO, Marcelo. **Domenico Losurdo: 'Se repudiamos nosso passado de esquerda, desistimos do nosso futuro'.** Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Domenico-Losurdo-Se-repudiamos-nosso-passado-de-esquerda-desistimos-do-nosso-futuro-/6/34835>, acesso em 26 Out. 2015.

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo: Abril, 1996. Volume I, Tomo I.

MARXENGELS.WORDPRESS. **Fetichismo da Mercadoria.** Disponível em: <https://marxengels.wordpress.com/fetichismo-da-mercadoria/>, acessado em 01 Nov. 2015.

PEDROSO, Isabella Vitória Castilho Pimentel. **Primavera Árabe.** Disponível em: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/atualidades/primavera-arabe.html>, acesso em 06 Nov. 2015.

PORTAL ESTACIO. **Narcisismo na sociedade do espetáculo.** Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/3580529/narcisismo-na-sociedade-do-espetaculo.pdf>, acesso em 02 Nov. 2015.

REVISTA FÒRUM. **Para Sebastião Salgado, crise dos refugiados é culpa dos EUA e Europa.** Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/10/para-sebastiao-salgado-crise-dos-refugiados-e-culpa-dos-eua-e-europa/>, acesso em 01 Nov. 2015.

SITE CARTA CAPITAL. **EDITORA.** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>, acesso em 09 Nov. 2015.

WIKIPEDIA – Enciclopédia Livre. **Época Revista.** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89poca\\_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89poca_(revista)), acesso em 09 Nov. 2015.

WIKIPEDIA – Enciclopédia Livre. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo\\_da\\_mercadoria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria), acesso 06 Nov. 2015.

WIKIPEDIA – Enciclopédia Livre. **Veja**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>, acesso em 09 Nov. 2015.